

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FILOSOFIA

RESUMO EXPANDIDO: O EROS ARISTOFÂNICO NO BANQUETE DE PLATÃO E SUAS RELAÇÕES COM O AMOR ROMÂNTICO CONTEMPORÂNEO

Marina Trigo Matos (Iniciação Científica); Paula Fernandes Lopes (Orientadora)
Departamento de Filosofia/Faculdade de Filosofia/Centro de Ciências Humanas/UNIRIO
Apoio Financeiro: UNIRIO
Palavras Chaves: Aristófanes; Platão; Banquete.

INTRODUÇÃO

O “Banquete” é um dos diálogos mais conhecidos de Platão, talvez por se tratar de uma série de discursos sobre a natureza e as qualidades do amor. O diálogo se passa na casa de Agatão, e todos que nela se encontram como convidados, Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Sócrates, além do próprio Agatão, são convidados a apresentar um elogio a eros (176a). Fedro (178a-180b) identifica eros como propiciador de virtude; Pausânias (180c-185c) atribui a eros o caráter de conhecimento; Erixímaco (186a-188c) especifica esse conhecimento como um conhecimento técnico. Quando chega a vez do comediante Aristófanes (189c-193d) elogiar eros, esse coloca o problema sob uma nova perspectiva: antes de se elogiar o amor e mostrar suas qualidades, deve haver um reconhecimento da natureza humana e de suas necessidades, a fim de perceber se o amor é capaz de suprir essas necessidades. Ou seja, só podemos falar das qualidades do amor para o homem se reconhecemos as necessidades dos homens – a pergunta pela natureza algo vem antes da questão pelas qualidades desse mesmo algo. Para responder essa questão eminentemente platônica, Aristófanes propõe um mito que explicaria a natureza humana e o papel do eros na vida do homem (189d-193b). Segundo este mito, a raça humana possuía não dois, mas três sexos: masculino (que era originário do sol), feminino (originário da terra) e uma mistura física dos dois, chamado andrógênio (originário da lua, que compartilhava a natureza de ambos, sol e terra). Eles possuíam grande força e vigor, além da enorme ambição. Por conta dessa ambição eles se voltaram contra os deuses. Zeus e os outros deuses decidiram puni-los por sua arrogância, mas ao invés de matá-los, resolveu deixá-los fracos, dividindo-os em duas metades. Assim surgiu a raça humana tal como a conhecemos. Aristófanes argumenta que, por ser fruto dessa cisão, o humano em natureza anseia pela sua metade perdida, buscando-a em outros seres humanos. O amor seria no ser humano a expressão do desejo de restaurar a sua antiga natureza. Ainda segundo o mito contado por Aristófanes, sempre que encontram sua metade, as partes sentem tanta afeição, intimidade e amor, que se recusam a se afastar um do outro e passam toda sua vida juntos, apesar de não saberem o que querem um do outro. Essa união não seria uma união meramente sexual, mas sim uma união de almas, que não sabem dizer o que querem, mas querem intensamente. Como podemos ver, de acordo com o mito contado por Aristófanes, os humanos precisariam encontrar sua metade para se sentir completos e felizes, para voltarem a ser um. Essa visão sobre o amor me parece percutiva do que na nossa sociedade é e sempre foi conhecido como “amor romântico”.

OBJETIVO

- (A) Investigar as relações do discurso de Aristófanes com a visão romântica do amor.
- (B) Apontar, com a ajuda do discurso socrático presente no diálogo Banquete, para as limitações, na perspectiva platônica, dessa compreensão do amor.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica; Leitura, análise e fichamento de textos; Discussões com a orientadora.

RESULTADOS

A análise do texto de Platão nos permitiu entender as dificuldades em afirmar a racionalidade do sujeito e sua autonomia numa visão romântica do amor como a proposta por Aristófanes. Já a apreciação de alguns poemas brasileiros nos permitiu perceber como a visão romântica do amor apresentada no discurso de Aristófanes está muito mais presente no nosso imaginário do que a visão racionalista de Platão.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que há uma semelhança entre a descrição do amor no mito de Aristófanes e a expressão do amor em alguns expoentes da poesia no Brasil. Além disso podemos ver que a crítica contemporânea ao amor romântico, que transfere para o outro a realização do indivíduo, já se encontrava no discurso de Sócrates no diálogo de Platão. Lá a realização do homem é apresentada como um desenvolvimento da própria racionalidade, o que nos aproximaria de visões contemporâneas, onde o homem é visto como sujeito da sua história.

REFERÊNCIAS

- PLATÃO. O Banquete. Tradução, introdução e notas Cavalcante de Souza. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- RUDEBUSCH, George. Socratic Love. In: Ahbel-Rappe, Sara; Kamtekar, Rachana. A Companion to Socrates. Cambridge: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 186-199.
- SHEFFIELD, Frisbee. Plato's Symposium – The Ethics of Desire. New York: Oxford University Press, 2006.